

## **A Literatura Brasileira Contemporânea para Jovens: Os autores, os leitores e o mercado<sup>1</sup>**

Bárbara M. de PAULA<sup>2</sup>

Matheus ORDAKOWSKI<sup>3</sup>

Benedito Diélcio MOREIRA<sup>4</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, MT

**Resumo:** Este artigo busca discutir como a literatura atual voltada para os jovens é vista e abordada pelas livrarias e editoras no âmbito nacional. Através de uma observação do surgimento e evolução de livros para crianças e adolescentes no Brasil, bem como do mercado de livros brasileiros na atualidade, além de questionamentos sobre as metodologias usadas pelas escolas para o estudo da literatura, buscamos analisar a influência destes fatores na popularização da literatura e na formação de indivíduos leitores. Encontra-se presente também uma análise da *homepage* dos sites de três grandes livrarias dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso.

**Palavras-chave:** literatura; jovens; escolas; sites; mercado; Brasil.

### **Introdução:**

O livro é uma das mídias que menos se modificou ao longo do tempo, embora comece a ganhar um novo espaço no universo digital. Apesar disso, ainda conserva a sua peculiaridade e a sua importância na transmissão do conhecimento. Hoje, com a tecnologia disponível, não faltam opções para se produzir obras cada vez mais interessantes no conteúdo e bem elaboradas no aspecto gráfico. Assim como produzir novos livros, formar novos leitores é de extrema importância para uma cultura como a nossa, que apela, não raramente, para o texto escrito para disseminar valores e histórias.

Ao trazer para este texto autores como Antônio Cândido (2002), Gabriela Luft (2007 e 2010), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1984) e Inger Askehave e Anne Nielsen (2004), buscamos debater a história do livro infanto-juvenil no Brasil, seu surgimento, desenvolvimento e relevância em nossa sociedade contemporânea. Abordamos também como as escolas brasileiras tratam a literatura em seu currículo e a forma como as crianças e jovens inseridos nessas instituições são influenciados. Dedicamos especial atenção aos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 1 a 7 de setembro de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso. email: barbamuller5@hotmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Mato Grosso

<sup>4</sup> Orientador do trabalho e Professor Doutor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso. email: dielcio@ufmt.br

autores brasileiros para também compreender a importância que eles ocupam no cenário nacional. Além disso, observamos e analisamos sites de grandes livrarias com o propósito de identificar a origem dos autores dos livros divulgados nas páginas iniciais.

Ao propor uma discussão sobre como a literatura no Brasil é apreciada pelos jovens e abordada pela mídia, temos como objetivo alavancar questões acerca da eficiência das instituições de ensino no que diz respeito a criação de leitores e hábito da leitura, e também dos motivos pelos quais autores nacionais para jovens ainda são pouco conhecidos no Brasil.

### **De Cinderela à Narizinho**

O livro infantil é a porta de entrada das crianças para o mundo da leitura. É através dele que a maioria das crianças se interessa pela arte de contar histórias por meio da escrita. Seu surgimento foi tardio, se comparado aos livros escritos para adultos, e hoje representa (junto com o livro “juvenil” destinado ao público de adolescentes e jovens adultos) uma participação significativa (cerca de 15% de toda a produção das editoras entre 2008 e 2009) do cenário editorial brasileiro.

É a partir do final do XVIII que se pode observar uma produção literária voltada para as crianças, já que antes desse período não havia diferenciação entre livros infantis e adultos (LUFT, 2007, p.70). Com a reorganização no sistema de ensino que decorreu, surgiu uma preocupação com a produção de livros de caráter pedagógico. As histórias eram ferramentas utilizadas para “introduzir algum aspecto gramatical, um fato histórico ou, até mesmo, para fixar algum parâmetro comportamental” (idem, 2007, p.70). Tanto o contato com histórias dos mais diferentes gêneros quanto o hábito de ler são imprescindíveis e amplamente discutidos na atualidade.

A literatura infantil possui um caráter pedagógico que serve de ferramenta para que os adultos exemplifiquem para as crianças o que é certo ou errado, que práticas devem ser seguidas e quais devem ser repudiadas na vida em sociedade. Outro fator a ser considerado é que a literatura auxilia a construir e partilhar símbolos. A literatura infanto-juvenil é um meio pelo qual crianças e adolescentes constroem o simbólico, daí o porquê da preocupação sobre o que os jovens estão lendo se faz importante e necessária (LUFT, 2007).

Segundo Antônio Cândido (2002), temos uma necessidade universal em “vivenciar” histórias, por isso usamos da ficção e da fantasia encontradas também na literatura para suprir nossa necessidade de experimentação. “Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeamento poderoso das obras

que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar.” (CÂNDIDO, 2002, p. 86). Ou seja, além de sua função de entretenimento, a ficção também tem a capacidade de nos modificar subjetivamente em algum nível.

Na atualidade, os jovens têm acesso a muitos tipos de livros além dos que são oferecidos pelas escolas. É claro que o acesso à cultura em geral depende de fatores socioeconômicos, porém o contato com livros das mais diversas nacionalidades se torna cada vez mais fácil devido ao incentivo a projetos de leitura e à expansão do número de bibliotecas públicas, além da divulgação de obras literárias completas via web. Entretanto, como veremos mais à frente neste artigo, as produções de livros juvenis, e também a visibilidade que é dada a elas, não é tão grande quanto aquela dedicada à literatura adulta.

### **As histórias que são contadas no Brasil**

Os movimentos literários no Brasil, inicialmente, procuravam reproduzir o estilo das histórias de origem europeia. Com o surgimento do Regionalismo podemos observar a busca por uma quebra do padrão vigente até então e a intenção de representar a cultura brasileira na literatura. Segundo Antônio Cândido:

“Trata-se de um caso privilegiado para estudar o papel da literatura num país em formação, que procura a sua identidade através da variação dos temas e da fixação da linguagem, oscilando para isto entre a adesão aos modelos europeus e a pesquisa de aspectos locais. O Arcadismo, no século XVIII, foi uma espécie de identificação com o mundo europeu através de seu homem rústico idealizado na tradição clássica. O Indianismo, já no século XIX, foi uma identificação com o mundo não-europeu, pela busca de um homem rústico americano igualmente idealizado. O Regionalismo, que o sucedeu e se estende até os nossos dias, foi uma busca do *tipicamente brasileiro* através das formas de encontro surgidas do contato entre o europeu e o meio americano. Ao mesmo tempo documentário e idealizador, forneceu elementos para a auto identificação do homem brasileiro e também para uma série de projeções ideais. [...] a sua função social foi ao mesmo tempo humanizadora e alienadora, conforme o aspecto ou o autor considerado.” (CÂNDIDO, 2002, p. 86)

Para exemplificar essa reprodução o autor cita o sertanejo, personagem que representa o tradicional homem do campo. A função humanizadora citada por Cândido se dá pela intenção de mostrar o brasileiro de forma mais realista. Ao mesmo tempo, o caráter alienador está presente, já que essas características, muitas vezes exageradas, acabavam por distanciar culturalmente o campo e a cidade.

Lajolo e Zilberman (1984) resgatam a história do livro infantil brasileiro de 1890 até 1980, e a separam em dois períodos. O primeiro é composto por obras anteriores a Monteiro

Lobato (histórias europeias ou mesmo produções brasileiras que não se desvinculavam do estilo europeu) Neste período há uma preocupação em demonstrar as virtudes nos personagens para que a história tenha um valor pedagógico. Gabriela Luft, em seu artigo de 2010, publicado em “*Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*”, n. 36, fez uma síntese desse estudo:

“É nas primeiras décadas do século XX que se solidifica a produção de uma literatura infanto-juvenil brasileira, na qual se constata a presença de protagonistas infantis, embora retratados de forma estereotipada, representantes de um projeto educativo e ideológico que via na escola e nos textos destinados a crianças e jovens aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos.” (LUFT 2010 p.112).

Já o segundo período é marcado pelo surgimento e destaque das obras de Monteiro Lobato, que junto com outros autores como Graciliano Ramos, procurou escrever com uma linguagem voltada para as crianças, usando da oralidade sem se ater muito à norma culta da língua. Dessa forma, as obras infantis dão foco ao folclore brasileiro, à valorização da cultura nacional, sem deixar de ter um caráter educativo. (idem, p.112).

A partir da década de 60 há uma expansão na área do mercado editorial brasileiro dedicado a literatura juvenil. Conforme Luft (2007), os títulos começam a ganhar a atenção da crítica, as histórias trazem temáticas mais realistas, tratando de problemas sociais característicos do dia-a-dia das crianças e adolescentes e o projeto gráfico passa a ter muita importância.

“Dada a expansão do mercado jovem e a bem-sucedida importação de produtos da indústria cultural, o período em questão também se caracteriza pelo aumento de gêneros e temas como a ficção científica e a narrativa de suspense. Configura-se uma revisão do mundo fantástico tradicional, por meio da publicação de irreverentes e irônicas histórias de fadas. Também se delineia a incorporação da oralidade, a ruptura com a poética tradicional e a incorporação de procedimentos narrativos como a metalinguagem e a intertextualidade. Assim, ao mesmo tempo em que se propõe a falar com realismo da realidade histórica, sem retoques, a narrativa infantojuvenil do período redescobre as fontes do fantástico e do imaginário.” (LUFT 2010, p.113)

A partir da década de 1970, devido ao contexto social do país, podemos observar o crescimento da indústria cultural e a bem sucedida importação de produtos norte-americanos. Aliado a isso houve um “relativo abrandamento da atitude escolar frente aos livros não formativos nem edificantes...” (LAJOLO e ZILBERMAM, p.141, 1985), fazendo com que temáticas policiais e de ficção científica, destinadas ao público jovem ganhassem espaço.

Nas últimas décadas a produção, divulgação e vendagem de títulos de ficção cresceu e se destacou entre os principais gêneros, despontando neste gênero uma tendência se beneficiar das narrativas transmidiáticas (filmes, jogos, séries de TV), fazendo com que as aventuras dos personagens não se esgotem ao término do livro. Alguns exemplos recentes são o livro “A Culpa é das Estrelas” de John Green e “Jogos Vorazes” de Susane Collins, ambos autores norte-americanos, que recentemente deram origem a seus respectivos filmes e têm grande presença e divulgação nas redes sociais.

O objetivo central deste estudo é dedicar nossa atenção ao desempenho de autores brasileiros contemporâneos que destinam suas obras ao público infantil e jovem. Por não existir uma definição específica quanto a esta classificação cronológica, consideramos como contemporâneos autores que viveram e publicaram suas obras nos últimos 50 anos, sendo este um julgamento pessoal e passível de variação dependendo da obra.

### **Como se faz (ou não) um Jovem Leitor**

A prática da leitura é considerada um hábito saudável. A literatura, além de entreter, influencia em nossa forma de observar e identificar o mundo. Tão logo o indivíduo se torne um consumidor de literatura, mas rapidamente transcenderá as barreiras do desenvolvimento cognitivo e crítico. Por esta razão, o incentivo precoce dentro e fora da sala de aula é muito discutido por pais e pedagogos.

A literatura nacional, oferecida como método de estudo pelas escolas brasileiras, principalmente no período do ensino médio, geralmente é pautada em autores clássicos como Machado de Assis, José de Alencar, Lima Barreto, Gil Vicente, entre outros, mesmo que não exista nenhuma diretriz governamental que especifique quais autores ou obras devem ser estudados<sup>5</sup>. Gabriela Rodella, em seu artigo “A literatura não tem de partir dos clássicos”, coloca a seguinte afirmação sobre esses métodos de ensino:

“O cenário é preocupante. Na maioria das aulas, o trabalho com o texto é substituído pela memorização dos períodos históricos literários e das características de época. Além disso, a leitura dos clássicos, difícil sem uma mediação adequada, dá lugar à leitura de resumos, que obviamente não dão conta dos romances estudados.” (RODELLA, 2014)

---

<sup>5</sup> Ao serem consultadas sobre os livros adotados, as professoras Márcia Cabeleira, coordenadora pedagógica de uma escola particular situada no município de Campo Verde - MT e Sandra Ordakowski, Diretora da rede municipal de ensino de Sorriso -MT, disseram que fica a critério do professor, ou do método de ensino adotado pela escola, a escolha dos livros que devem ser estudados em sala de aula, sendo que a maioria prefere os títulos clássicos, por serem exigidos nos exames vestibulares.

Essa valorização exclusiva de nomes consagrados no cenário brasileiro pode configurar um dos motivos pelo quais os professores não buscam explorar obras recentes como método de ensino para transmitir o conteúdo proposto. Essa metodologia convencionada nas escolas faz com que seja questionado o modelo de estudo literário quanto ao incentivo à leitura. Os alunos se sentem atraídos pela literatura clássica oferecida no âmbito escolar? Não seria hora de rever os títulos estudados a fim de aproximar as aulas da cultura vivenciada pelo jovem no dia-a-dia? Ao chegar ao ensino médio, as aulas se tornam tão metódicas que perdem o foco de formar cidadãos leitores? Para discutir esses aspectos precisamos observar a realidade brasileira, levando em conta a cultura de leitura atual do Brasil.

### **Mercado de Livros para Jovens no Brasil**

De acordo com uma pesquisa feita pelo Instituto Pró-livro, cerca de 50% dos participantes entrevistados são leitores, sendo considerados leitores aqueles que leram pelo menos um livro (mesmo que não o tenham terminado) nos 3 últimos meses da data da pesquisa; e 28% dos entrevistados responderam que gostam de ler em suas horas vagas, considerando que a leitura não é restrita a livros, mas também engloba revistas, jornais e conteúdo na Internet.<sup>6</sup> Ao serem questionados sobre quais os motivos que os levam a ler um livro, os entrevistados que estavam cursando o ensino médio responderam principalmente: Atualização Cultural e Conhecimento Geral (60%), Prazer, Gosto ou Necessidade Espontânea (56%), Motivos Religiosos (35%), Atualização Profissional (27%) e Exigência Escolar ou Acadêmica (21%).

Estes dados sugerem a seguinte leitura: mesmo que a obra seja estudada em sala de aula, o aluno não necessariamente tem interesse em lê-la. Além do mais, a escola não parece ser a responsável por apresentar títulos que instiguem o aluno a ler por prazer. E não faltam títulos sendo lançados todos os anos no mercado brasileiro, segundo o site do

---

<sup>6</sup> Pesquisa apoiada pela Câmara Brasileira do Livro, pelo Sindicato Nacional dos Editores de livros e Pela Associação Brasileira de Celulose e Papel. Realizada em 2011, com abrangência nacional, o estudo tem o intuito de identificar o comportamento do público leitor brasileiro. Segundo os dados da pesquisa realizada pelo Instituto Pró-livro, os adolescentes de 14 a 17 anos entrevistados leram em média, nos últimos três meses, 3,13 livros (sendo 2.53 livros indicados pela escola e 1 escolhido por conta própria), enquanto os entrevistados jovens, classificados entre 18 e 24 anos, leram em média 1,95 livros (sendo 0,74 indicado pela escola e 1.21 escolhido por conta própria). No panorama geral da pesquisa podemos observar que 41% (22.9 milhões de pessoas) dos entrevistados que são estudantes leem livros por escolha própria, contra 37% (44,6 milhões de pessoas) dos não estudantes, que também leem. Considerando as duas categorias (estudantes e não-estudantes) há um número significativamente diferente na quantidade de obras consumidas por cada uma. Vemos que a escola, seja ela de ensino básico ou superior, tem grande influência na quantidade de livros lidos, porém o hábito da leitura deve se estender além da sala de aula, de forma a também ser incorporado na vida dos “não-estudantes”. Ao serem questionados sobre quais os motivos que os levam a ler um livro, os entrevistados do Ensino Médio responderam, principalmente, Atualização Cultural e Conhecimento Geral (60%), Prazer, Gosto ou Necessidade Espontânea (56%), Motivos Religiosos (35%), Atualização Profissional (27%) e Exigência Escolar ou Acadêmica (21%).

Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), em 2012 foram lançados 57.473 títulos. A literatura juvenil atual busca explorar os interesses diversos dos jovens, fazendo uso de outras mídias para um público de leitores acostumados com os novos recursos trazidos pelo mundo virtual.

Assim, podemos observar uma presença marcante da literatura estrangeira, principalmente em livros de Ficção, categoria de onde vem a maioria dos títulos destinados ao público infanto-juvenil. O Skoob (rede social virtual brasileira, auto-intitulada maior rede de leitores do Brasil), apresenta quais são os livros mais lidos por seus usuários. A literatura brasileira aparece 15 vezes em uma lista dos 100 primeiros títulos e em sua maioria obras consideradas clássicas. Avaliando o que foi discutido, não seriam estes dados um reflexo maior da obrigatoriedade da leitura de livros clássicos e menor da leitura por prazer, além da impopularidade dos autores nacionais perante a literatura nacional? Além disso, não são raros os casos de escritores que tiveram suas histórias rejeitadas pelas editoras, com a justificativa da não existência no Brasil de uma literatura para jovens. (LUFT, 2007, p.68)

Consultado sobre a questão acima apresentada, um editor<sup>7</sup> cuja empresa tem sede no Rio de Janeiro disse que existem produções voltadas ao público jovem e que a tendência da indústria internacional é investir cada vez mais para atender às necessidades dessa população. Entretanto, quando se fala de escritores nacionais não ocorre o mesmo. A falta de visibilidade dos nossos escritores se deve a vários fatores, entre eles a política de marketing por parte das editoras nacionais. A subordinação dos livros brasileiros pelos títulos estrangeiros não seria resultado do baixo investimento de divulgação se comparados ambos os casos? Como seria o cenário de vendas atual se autores nacionais pudessem ter os mesmo incentivos e oportunidades que autores internacionais?

Para avaliar melhor a visibilidade de autores no mercado brasileiro, observamos durante o período de um mês<sup>8</sup> três sites de importantes livrarias, nos limitando a coletar os dados da *Homepage* de cada uma das revendedoras de livros. A escolha pela coleta de informações da *homepage* se deve à importância desta ferramenta do site para a introdução ao conteúdo e, no caso, ao conhecimento dos produtos. Segundo Askehave e Nielsen (2004, p.9), a primeira página de um portal possui duas funções básicas: “Primeiro, ela introduz o usuário ao conteúdo geral do site [...] Segundo, funciona como a porta de entrada oficial para o website”.

---

<sup>7</sup> Artur Rodrigues. Escritor, produtor e editor geral do grupo editorial Litteris.

<sup>8</sup> A coleta dos dados ocorreu entre os dias 01 e 30 de junho de 2014

A primeira *homepage* observada foi a da Livraria Cultura, uma das maiores livrarias do Estado de São Paulo. Dentre as características desta *homepage* estão: barra para busca de produtos, coluna à esquerda com link para as sessões dos produtos vendidos, coluna à direita de produtos mais vendidos, janela central de *hotspot* com informações sobre produtos e, posteriormente, sessões de obras específicas como “Imperdível”, “Você clicou” e “Produtos mais populares do site”. O segundo site utilizado para observação foi o da Livraria da Travessa, considerada uma das maiores do Estado do Rio de Janeiro. A *homepage* da Travessa tem o seguinte formato: barra para busca de produtos, coluna central de sessões de produtos e eventos, ao centro janela *hotspot* com informações, coluna à esquerda com os títulos mais vendidos e, em seguida, estão posicionadas as sessões de “lançamentos” e de “destaques” com os títulos divulgados. Por fim, a terceira *homepage* observada foi a da livraria Janina, uma das maiores redes do Estado de Mato Grosso. Suas características não se diferem muito das demais, com presença de barra de buscas, janela *hotspot*, coluna à esquerda com links para sessões específicas de gêneros e temas dos livros e, ao lado, uma lista de “Mais vendidos”, além de algumas obras em destaque à esquerda.

Ao analisarmos os títulos e autores das publicações no período estabelecido, podemos verificar a prevalência de livros estrangeiros nas *homepages* dos três sites: 29 estrangeiros e 15 brasileiros na Livraria Cultura, 27 estrangeiros e 22 brasileiros na Livraria da Travessa e 21 estrangeiros e 19 brasileiros na Livraria Janina. Sendo a *homepage* o elemento introdutório para demais conteúdos em qualquer site da web, estas exercem influência sobre a atenção e intenção do indivíduo que as acessam.

Há uma certa dificuldade quanto a classificação de livros para jovens, adultos, crianças ou adolescentes. No Brasil não há uma definição oficial de conteúdo para cada faixa etária, fazendo com que esta classificação fique a cargo do mercado. Alguns editores usam as seguintes classificações<sup>9</sup>: *Infanto-juvenil* (8 a 12 anos), *Young adult* (13 a 18 anos), *New Adult* (18 a 25 anos) e *Crossover* (que abrange todas as idades anteriores e também leitores mais velhos). Porém, estes mesmos editores admitem dificuldades para enquadrar os livros em suas respectivas categorias, levando em conta que cada temática pode ser do interesse de vários tipos de leitores. Mesmo assim, ainda é possível observar que aqueles

---

<sup>9</sup> Ver matéria publicada no jornal Folha de São Paulo. Texto disponível no seguinte endereço: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1385277-literatura-juvenil-ganha-subdiviso-es-e-alimenta-discussao-sobre-perfis-dos-leitores.shtml>> Acesso em: 16/07/2014 às 8:06h.



livros cuja temática tem como público-alvo os jovens estão em crescimento no mercado editorial, e não somente no Brasil.

Mesmo com o aumento do acesso dos jovens às mais variadas obras, pouco vemos sobre os autores brasileiros contemporâneos, sendo que entre os principais podemos citar: Eduardo Spohr, Thalita Rebouças, Affonso Solano, Raphael Draccon, Pedro Bandeira, Paula Pimenta, André Vianco, Leonel Cadela e Carolina Munhoz. Em nossa análise das *homepages* dos sites das livrarias, nenhum desses nomes foi encontrado, enquanto autores como o norte-americano John Green figuravam em todas elas. É claro, deve-se levar em consideração outros fatores como, por exemplo, o fato de o filme “A Culpa é das Estrelas”, baseado no livro mais famosos de Green, ter sido lançado simultaneamente à época de nossa observação. Entretanto isso não justifica a invisibilidade dos autores nacionais para jovens, principalmente os já consagrados e aqueles que estão ainda iniciando suas carreiras.

### **Considerações Finais**

A literatura é muito importante na formação de crianças e adolescentes, já que ajuda a construir o simbólico, desenvolver o senso crítico e também é uma ferramenta amplamente utilizada para a transmissão de conceitos e valores sociais. Por meio das histórias, os jovens podem vivenciar uma realidade diferenciada, que os ajudam a compreender melhor o mundo em que está inserido, além de propiciar momentos de diversão e lazer. A escola, como instituição, tem um papel fundamental no incentivo à leitura, porém o estudo da literatura nas escolas tornou-se demasiadamente técnico e não aborda aspectos sociais e culturais inseridos nas obras. Sendo assim, os estudantes aprendem, por exemplo, sobre o que foram os movimentos literários, mas não sobre como cada obra foi fundamental e inovadora para a época em que foi publicada. Além disso, essa valorização exclusiva dos autores clássicos faz com que os autores contemporâneos sejam muitas vezes desconsiderados em sala de aula e, conseqüentemente, pelo jovem.

Sobre a valorização quase exclusiva dos clássicos, e considerando também a supremacia de obras estrangeiras, podemos admitir algumas ideias: a primeira é que a cobrança dos clássicos remete para uma experiência instrumental e não de prazer (no sentido atribuído por Roland Barthes em “Prazer do Texto”). Por outro lado, a obrigação tende a tratar esta prática apenas como um obstáculo a ser atravessado e não como uma cultura a ser cultivada. Outro ponto relevante é a distância das circunstâncias dos autores clássicos das circunstâncias dos jovens atuais. Podemos criticar o uso exclusivo e

instrumental dos clássicos, não a importância deste tipo de literatura para os jovens. O objetivo desse artigo não é questionar a validade do estudo dos clássicos, mas observar de que forma os jovens são motivados a escolher os livros que leem ou mesmo suas oportunidades de acesso a determinadas obras. Levando em conta os fatores de decisão discutidos: escola, sociedade e marketing, buscamos levantar questões a cerca da importância dos autores contemporâneos que apostam em histórias que pertencem a um contexto social atual.

Como pudemos analisar na observação dos sites e sua respectiva comparação com a lista dos principais autores brasileiros para jovens na atualidade, estes não são reconhecidos e valorizados. Trata-se de um problema que se acumula desde o início tardio da produção de obras literárias voltadas para o público jovem no Brasil, somando-se ao pouco incentivo dado pelas instituições de ensino e resultando em uma geração que, atenta a todas as mídias, percebe a visibilidade dos conteúdos relacionados a livros estrangeiros, o que reforça o interesse das editoras em promover os autores internacionais. Obras como “A Batalha do Apocalipse”, do brasileiro Eduardo Spohr, que ganhou destaque nacional com a vendagem de cerca de 80 mil cópias até 2011<sup>10</sup>, (considerada *Best-Seller* para os padrões nacionais) está longe da vendagem de obras como “A Menina que roubava Livros” do australiano Markus Zusak, livro que já era best-seller mundial no ano de lançamento, em 2005, vendendo mais de 400 mil exemplares só no Brasil, e que voltou ao topo dos mais vendidos depois de ganhar uma adaptação cinematográfica homônima em 2013<sup>11</sup>.

A falta de visibilidade dos novos autores faz com que muitos dos títulos mais recentes, que traduzem uma visão mais moderna do mundo e mais condizente com a cultura assimilada pelos jovens, passem despercebidos. Levando em conta os aspectos abordados, propomos uma reflexão a cerca da valorização dos autores contemporâneos na formação de jovens leitores, seja na escola como método de estudo ou fora dela como forma de lazer.

---

<sup>10</sup> Segundo reportagem da revista Veja disponível em: < <http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/tag/a-batalha-do-apocalipse/>> Acesso em: 16/07/2014 às 10:10hs

<sup>11</sup> Segundo reportagem do jornal O Globo disponível em < <http://oglobo.globo.com/cultura/romance-menina-que-roubava-livros-de-markus-zusak-comemora-um-ano-na-lista-dos-mais-3623590>> Acesso em 16/07/2014 às 10:30hs

## Referências bibliográficas

ASKEHAVE, I; NIELSEN, A. E. **Web-mediated genres: a challenge to traditional genre theory**. Working Papers, n. 6, p. 1-50, 2004.

BRASÍLIA (Distrito Federal). Instituto Pró-Livro. **3ª edição da pesquisa retratos da leitura no Brasil**. São Paulo. 2012. Disponível em:

<<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=2834>> Acesso em: 31/03/2014

DANTAS V. Antônio Cândido. Textos de Intervenção; seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas In.: CÂNDIDO A. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo. Editora 34, 2002. p. 81-90.

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira. História e Histórias**. São Paulo. Editora Ática, 7ª impressão. 2007.

LUFT G. Revista Língua & Literatura. **A Nova Leitura Literária Infantil e Juvenil no Contexto dos Centros Culturais Multimídiais**. Frederico Westphalen. v. 10 n. 14 p. 67 – 83. Jul. 2007.

LUFT G. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. **A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências**. Brasília. n.36 p. 111-130. Julho-dezembro de 2010.

RIO DE JANEIRO (Estado). SNEL Sindicato Nacional dos Editores de Livros. **Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro**. Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://www.snel.org.br/dados-do-setor/producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro/>>  
Acesso em: 25/03/2014

RODELLA G. **A literatura não tem de partir dos clássicos**. *Revista Galileu*. Jul. 2014.<  
<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2014/07/literatura-nao-tem-de-partir-dos-classicos.html>> Acesso em: 15/07/2014.